OS CICLOS ECONÔMICOS DO MUNICÍPIO DE IMPERATRIZ/MA: um resgate historiográfico

André de Sousa Barros[1], Enndyl Samara Garcia[2], Leonardo Araújo da Silva[3,]
Luciane Silva da Costa[4,] Paulo Hernandes Gonçalves da Silva[5]

[1, 2 e 3] Acadêmicos de Licenciatura em Ciências Biológicas – IFTO – Campus Araguatins - E-mail[1]: andre_barros_51@hotmail.com, E-mail[2]: enndylvera@hotmail.com , E-mail[3]: araujoleo03@hotmail.com
[4] Técnica Administrativo (IFTO Campus Araguatins) E-mail: luciane.sdc@gmail.com,
[5] Professor (IFTO Campus Araguatins) – Mestrando em Gestão e Desenvolvimento Regional (UNITAU) - E-mail: paulohg@ifto.edu.br

Resumo: O presente artigo estuda o crescimento da cidade de Imperatriz/MA, por meio do resgate de sua história. Objetiva-se descrever os ciclos econômicos do arroz, da madeira e do ouro, que foram vivenciados pelo município e que contribuíram ao atrair investimentos de todo o país, como também para o acelerado aumento populacional. Os dados analisados são exclusivamente bibliográficos por meio de revisão de literatura, considerando-se a perspectiva historiográfica. Dentre os resultados alcançados tem-se a descrição dos motivos que levaram o município localizado no sudoeste do estado do Maranhão, a se tornar um pólo bem estruturado do comércio e de serviços, que serve de referência para municípios circunvizinhos e de outros estados como o Pará e o Tocantins.

Palavras-chave: ciclos econômicos, Imperatriz/MA, resgate historiográfico

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, segundo Franklin (2005), a cidade de Imperatriz teve início em 1851, pela indifenição dos limites entre as províncias do Pará e do Maranhão. Por isso, Frei Manuel Procópio mandado pela província do Pará recebeu a missão de criar uma vila em território paraense próximo ao limite maranhense. Ao sairem os limites definitivos entre as duas províncias o povoado ficou estabelecido em território maranhense e não paraense. A lei nº 639/1852 estabeleceu as demarcações citadas.

A povoação da vila de Santa Tereza (atual Imperatriz) foi fundada por Frei Manuel Procópio em 16 de julho 1852, sendo elevada à categoria de cidade em 22 de abril de 1924 (Lei nº 1179), pelo governador Godofredo Viana. Ainda segundo Franklin (2005) em dezembro de 1923, a vila possuía 823 habitantes. Pouco antes em 1917, registros oficiais do governo do Estado indicam e existência de 445 propriedades.

A cidade teve lento crescimento econômico e populacional até fins da década de 1950, mais precisamente até o ano de 1958, quando iniciada a construção da Rodovia Belém-Brasília. Apesar disso permanecia isolada do norte do Estado. Foi a partir da década de 1960 que Imperatriz experienciou acelerado desenvolvimento econômico e crescimento populacional, recebendo grandes contigentes migratórios das diversas partes do país.

Em 1953 começa a abertura de uma estrada ligando Imperatriz a Grajaú passando pelo povoado de Montes Altos. Somente depois da construção dessa estrada que abriu caminhos para o nordeste é que se inicia o fluxo migratório rumo às terras férteis e desocupadas da região. E a partir daí vieram três ciclos econômicos que são focos deste estudo.

Atualmente, a cidade possui a segunda maior população do Estado com 247.505 habitantes com uma área de 1.368,982 km². Estendendo-se pela margem direita do rio Tocantins o município é atravessado pela Rodovia Belém-Brasília, e situa-se na divisa com o Estado do Tocantins. A cidade fica localizada próxima à cidade de Açailândia,que é o terceiro mais populoso município do Estado e que possui um importante pólo industrial baseado na exploração de minérios. (IBGE, 2010).

Assim, a pesquisa tem justificativa à medida que analisa o crescimento da cidade de Imperatriz e relaciona historiograficamente a três ciclos importantes. Objetiva-se, portanto, descrever as causas que a tornaram rapidamente o segundo município em população do Estado, assim como, algumas vezes o segundo em produção econômica, o que atualmente permite que ela se encontre estruturada

ISBN 978-85-62830-10-5

com um importante centro econômico regional, que alcança diversos municípios maranhenses, paraenses e tocantinenses.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Esclareça-se que a metodologia adotada no presente artigo foi definida pela revisão de literatura, e por isso, fez uso de livros e das publicações de artigos e referências importantes na área historiográfica maranhense, principalmente no tocante à realidade e história da cidade de Imperatriz/MA. A possibilidade de pesquisa desta natureza se justifica com base nas considerações de Caldas (1986).

Noronha e Ferreira (2000) definem a revisão de literatura como sendo o estudo que analisa a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um determinado período de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório dos conteúdos apreendidos sobre um tópico específico, evidenciando novas idéias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada.

Para a elaboração deste trabalho, tem-se como suporte bibliográfico básico o livro de Adalberto Franklin intitulado “Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz”, em que o autor investiga e aponta o desenrolar da história econômica de Imperatriz e região ao longo de várias décadas passando pelos ciclos econômicos objetos de análise deste trabalho.

Logo, para aprofundamento econômico, foi utilizado também os dados existentes no Anuário Estatístico do Maranhão de 2010, elaborado pelo Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC) e do relatório sobre o Produto Interno Bruto dos Municípios do Estado do Maranhão (dos anos 2004 a 2008), também elaborado pelo IMESC e publicado em 2011. Observa-se que configuram-se em bibliografias com dados de grande relevância para realização da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os três ciclos econômicos que são descritos neste estudo começam a vigorar no momento em que a cidade passou a receber na década de 1950 um grande número de imigrantes oriundos do nordeste, por meio de uma estrada que liga a cidade de Teresina no estado do Piauí ao município de Grajaú no estado maranhense.

Estes imigrantes, ao chegarem à região de Imperatriz, na primeira metade da década de 1950, ficaram encantados com as terras de florestas exuberantes, com água em abundância nos rios e riachos espalhados por toda parte, onde trataram logo de fixar residência, ocupando o espaço desabitado, trabalhando a terra e cultivando mandioca, milho, feijão, fava, arroz e outros produtos que utilizavam no próprio consumo e para comercialização (FRANKLIN, 2008).

Sobre o ciclo do arroz valem as considerações da Tabela 1, detalhada abaixo:

Tabela 1 – Ciclo do Arroz

Momento histórico	Período	Características
Ciclo do Arroz	Da década de 1950 ao início de 1980	• Área cultivada: 66 mil hectares; • Safra: 100 mil toneladas de arroz; • Posição agrícola: entre os três maiores produtores do país até meados de 1970; • Centro abastecedor: Maranhão, Pará, Goiás e Piauí; • Dados urbanos: crescimento desordenado, com problemas de saúde, habitação e desabastecimento de gêneros alimentícios, inclusive de carne bovina; • Corredor agrícola: Estrada do arroz, que liga Imperatriz e Cidelândia (antigo Entroncamento da Cida); • Recorde na produção em 1960: um milhão de sacos; • Agroindústria: Mais de 20 usinas de beneficiamento; • Declínio do ciclo: A partir de 1975 com o grande número de

		pecuaristas.

Fonte: FRANKLIN, 2008

A partir de então surge um novo ciclo econômico: o da madeira. Esclareça-se que até a abertura da Belém-Brasília não havia exploração da madeira para fins comerciais em Imperatriz, havendo somente coleta extrativa, devido às dificuldades de retirada como falta de estradas e de meios de transportes. Assim, na Tabela 2, fica possível observar aspectos relevantes do ciclo:

Tabela 2 – Ciclo da madeira

Momento histórico	Período	Características
Ciclo da madeira	Da década de 1970 até o ano de 1981	• Madeira retirada: Ipê, Cedro, Cumaru, Jatobá, Maçaranduba, Sucupira, dentre outras; • Destino: sul do Brasil; • Serrarias para corte da madeira: aumento de 06 em 1970 para mais de 30 em pouco mais de dez anos; • Aumento do número de caminhões para transporte; • Aumento do emprego: laminadoras, movelarias e carpintarias • Implantação em 1971 da Companhia Energética do Maranhão (CEMAR) para suporte à indústria madeireira; • Dados urbanos: continuidade do crescimento desordenado, com problemas de saúde, habitação e educação; • População cresce de 80mil habitantes para 220mil em 1980. Esta população diminui com a emancipação de Açailandia em 1981. • Declínio a partir de 1981 com a mudança para o município de Açailandia dos extrativistas da madeira.

Fonte: FRANKLIN, 2008

A população de Imperatriz sofre com a crise do ciclo da madeira. Os impactos foram, além de outros setores, na oferta de emprego e no comércio, que havia experimentado certo crescimento em décadas anteriores chegando a ganhar certa importância local. Esse crescimento estava afetado pela crise do ciclo da extração de madeira, e nesse momento a Associação Comercial e Industrial de Imperatriz pensava em estratégias, ou formas de garantir que tal crescimento continuasse acontecendo (FRANKLIN, 2008).

Nos primeiros meses de 1980, aconteceu a descoberta de ouro na “Serra Pelada”, no sul do Pará. Inicialmente em toda esta região, depois em todo o país, aconteceu uma corrida ao ouro paraense. A seguir na Tabela 3, apontamentos importantes sobre o ciclo:

Tabela 3 – Ciclo do ouro

Momento histórico	Período	Características
Ciclo do ouro	Toda a década de 1980	• Importância de Imperatriz para o ciclo: uma das principais portas de entrada para o garimpo que também o abastecia com alimentos, remédios, máquinas, trabalhadores, transporte e, máquinas. • Tornou-se o maior pólo abastecedor do garimpo de Serra Pelada, distante 350 km; • Declínio a partir de 1990, pois o comércio e os serviços firmaram-se em Imperatriz..

Fonte: FRANKLIN, 2008

Com o garimpo de Serra Pelada em plena atividade de extração alguns setores comerciais em Imperatriz são estimulados e aquecidos. Setores como o de transportes, de máquinas, de equipamentos, de alimentos, ganharam novo impulso, porém desnorteando a economia local, antes com base na extração de madeira. Da produção de ouro no garimpo de Serra Pelada ao longo dos seus dez anos de funcionamento, muita riqueza circulou na cidade de Imperatriz, através de bens móveis, imóveis, produtos e serviços.

Ressalte-se que mesmo durante a vigência dos três ciclos economicos, o comércio e a prestação de serviços já cresciam gradativamente para se constituir no que se tem nos dias atuais. Essa configuração começa a mudar no final da década de 1970, pois as pessoas passam a se ocupar de atividades tanto rurais quanto urbanas, no setor de comércio de mercadorias, no setor da indústria de transformação, no setor de serviços. .

Na década de 1980 a indústria de transformação continuou a crescer juntamente com o setor de serviços e o de comércio de mercadorias. Note-se que outros setores econômicos se estruturam, como se percebe na Tabela 4, a seguir:

Tabela 4: Crescimento econômico de Imperatriz de 1950 a 2000.

Ano	Setor de atividades	Pessoas ocupadas na atividade
1950	Indústria de Transformação	77
	Serviços	136
	Comércio de Mercadorias	162
1970	Indústria de Transformação	2.201
	Serviços	1.860
	Comércio de Mercadorias	1.845
1980	Indústria de Transformação	7.496
	Serviços	8.878
	Comércio de Mercadorias	8.878
1991	Indústria de Transformação	8.518
	Serviços	16.649
	Comércio de Mercadorias	16.575
2000	Indústria de Transformação	10.410
	Serviços	-
	Comércio de Mercadorias	23.041

Fonte: Franklin, 2008.

Atualmente, a cidade configura-se com força na economia brasileira, tem o Produto Interno Bruto (PIB), segundo dados do IMESC, em 2009, como o segundo maior do estado do Maranhão, com R$ 2.000.735 (Dois bilhões, setecentos e trinta e cinco mil reais), atrás somente da capital São Luís, seguido do município de Açailândia. Sua distribuição setorial corresponde a 2,4% na agropecuária, 14,9% na indústria e 82,7% em serviços. Ainda, segundo os dados do Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC), o imperatrizense em 2009 possui uma renda per capita de R$ 8.452,94 (Oito mil quatrocentos e cinquenta e dois reais e noventa e quatro centavos)

No que diz respeito ao setor industrial, em 2009, Imperatriz tem a terceira maior participação no Estado, mesma posição ocupada no ano anterior. Suas principais atividades econômicas são a construção civil e a indústria de transformação (fertilizantes). No setor de serviços em 2009, Imperatriz tem a segunda maior participação, após a capital São Luiz. Suas principais atividades econômicas nesse setor são o comércio, a administração pública e as atividades imobiliárias.

4. CONCLUSÕES

Este artigo analisou os três ciclos econômicos que fazem parte de Imperatriz, com maior repercussão historiográfica, buscando relacionar as suas implicações na economia do referido município. Vale ressaltar que este trabalho é apenas uma revisão de literatura que não tem pretensão de aprofundar em termos econômicos ou históricos.

Percebe-se na investigação proposta um pouco da evolução histórica do município de Imperatriz a partir do início da segunda metade do século XX, ciclo do arroz, passando pela madeira, até findar com a exploração do garimpo de Serra Pelada. Assim, considerando-se a sua sucessão cronológica observa-se que foram importantes para economia local.

Porém, ressalte-se que algumas atividades de determinados ciclos analisados coexistiram com atividades de outros ciclos econômicos, como por exemplo, a coexistência da produção de arroz com a extração de madeira, isto é, podiam ser visto no mesmo cenário de Imperatriz tanto caminhões madeireiros como cargas de arroz sendo escoados para outras regiões ou mesmo sendo levados para as indústrias locais, por volta dos primeiros anos da década de 1970. Ressaltamos ainda que no período dos ciclos econômicos estudados outras atividades econômicas desenvolviam-se paralelas, como o comércio e os serviços.

Considerando a passagem pelos ciclos, conclui-se que houve uma elevada taxa de crescimento populacional, que certamente teve consequências e implicações. Pode-se considerar inclusive que os principais motivos do crescimento da populaçao imperatrizense foi a abertura de estradas, e em consequencia o interesse dos imigrantes em se beneficiar do promissor desenvolvimento que surgia na região.

O crescimento econômico que Imperatriz conheceu nesse período com o aumento da população implicou num crescimento urbano com precários processos de ordenação, infra-estrutura inadequada, além de outros problemas sociais. Foi, assim, tornando-se rapidamente o segundo município em população do Estado. A cidade se estruturou como um importante centro econômico regional, possuindo atualmente o complexo atacadista do Mercadinho e do centro varejista do Calçadão, é portanto, um grande pólo do comércio, além de indústrias moveleiras, madeireiras, confeccionistas, coureiro-calçadistas, de águas minerais e refrigerantes, derivados do leite, de prestação de serviços, destacando-se também o setor da construção civil.

Outro dois aspectos característicos de Imperatriz, é que o município despontou como um importante centro de produção e difusão de conhecimento científico, o que pode ser evidenciado pela presença de instituições de ensino superior, bem como transformou-se na sede de um movimentado sistema que possui diversas formas de transportes: ferroviário, rodoviário, hidroviário e aeroviário.

REFERÊNCIAS

CALDAS, Maria Aparecida Esteves. **Estudos de revisão de literatura: fundamentação e estratégia metodológica**. São Paulo: Hucitec, 1986.

FRANKLIN, Adalberto. **Apontamentos e Fontes para a História Econômica de Imperatriz**. Imperatriz/MA: Ética, 2008.

_____ . **Breve História de Imperatriz.** Imperatriz/MA: Ética, 2005.

IBGE 2010 – **Censo populacional 2010.** Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home /mapa_site/mapa_site.php#populacao>. Acesso em 11/07/2012.

IMESC. Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. **Anuário Estatístico do Maranhão**. São Luis: IMESC, 2010

_____. Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. **Produto Interno Bruto dos municípios do Estado do Maranhão: período 2004 a 2008**. São Luis: IMESC, 2011.

NORONHA, Daisy Pires; FERREIRA, Sueli Mara S. P. Revisões de literatura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CONDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.